

A PESQUISA DE ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL: UM ESPAÇO EDUCATIVO DE CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS

Maria Teresa de Assunção Freitas¹

RESUMO

Neste texto discute-se como a pesquisa nas ciências humanas a partir da perspectiva histórico-cultural pode se constituir como um espaço educativo no qual se desenvolvem diferentes processos de comunicação. Para tal focaliza-se o pensamento teórico de Vygotsky e Bakhtin trazendo suas contribuições em relação às especificidades da pesquisa para as ciências humanas. Dialogando com os sentidos construídos por estes autores em relação aos conceitos de descrição e explicação empreende-se uma discussão sobre pesquisa-intervenção no interior da perspectiva histórico-cultural. Essa discussão toma por base as experiências investigativas de um grupo de pesquisa da área da educação que tem a perspectiva histórico-cultural como referencial teórico-metodológico.

Palavras-chave: pesquisa nas ciências humanas, abordagem histórico cultural, pesquisa-intervenção.

Onde os antigos homens colocavam uma palavra, acreditavam ter feito uma descoberta. Como é diferente a verdade! Eles haviam tocado num problema e, supondo que o tinham solucionado, haviam criado um obstáculo para a solução. Agora, a cada porção de conhecimento com que nos deparamos temos de tropeçar em palavras mortas e petrificadas, e é mais fácil quebrarmos uma perna do que uma palavra (Nietzsche).

A temática central desta revista é: sujeitos, espaços educativos e processos de comunicação. Que espaços educativos escolher para neles focalizar os sujeitos e os processos de comunicação? Respondendo essa pergunta decidi por considerar a pesquisa nas ciências humanas como um espaço educativo, no qual ocorrem processos de comunicação que constituem os sujeitos que dele participam. Para tal me reporto à pesquisa qualitativa na perspectiva histórico-cultural fundamentada no pensamento teórico de Vygotsky e Bakhtin.

No grupo de pesquisa Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC), que coordeno na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), são desenvolvidas, desde 1995, pesquisas tendo como fundamento teórico-metodológico a abordagem histórico-cultural. No desenvolvimento dos estudos empreendidos pelo grupo, vários textos foram publicados discutindo essa abordagem de pesquisa organizando reflexões sobre seus fundamentos teóricos, suas principais características, situando-a em relação aos referenciais positivistas, interpretativos e críticos de pesquisa, definindo o papel dos instrumentos metodológicos na investigação e analisando-a como um encontro entre sujeitos (FREITAS, 2002; 2003; 2007).

A cada nova pesquisa o grupo se aprofunda mais na discussão dessa abordagem buscando avançar na construção de seu referencial teórico-metodológico. Atualmente a

¹ Professora da Faculdade de Educação da UFJF – PPGE, coordenadora do grupo de pesquisa Linguagem, Interação e Conhecimento (LIC).

discussão enfrentada é sobre o conceito de *pesquisa-intervenção* uma vez que fazer pesquisa qualitativa na perspectiva histórico-cultural consiste não apenas em descrever a realidade mas também em explicá-la, portanto supõe intervir nessa realidade. No entanto, a palavra *intervenção* tem se mostrado incômoda para o grupo de pesquisa LIC na medida em que seu significado pode estar ligado a crenças, padrões de valor de uma determinada época marcada pela falta de liberdade e pela imposição. Assim, me reporto à epígrafe desse texto e vejo como *intervenção* ficou petrificada em nosso imaginário e como é difícil quebrá-la.

Qual o significado da palavra *intervenção*? Em que consiste a *intervenção* na pesquisa histórico-cultural? Quais os sentidos construídos pelo grupo para este conceito de *pesquisa-intervenção*? Como essa *intervenção* se apresenta nas pesquisas realizadas?

Neste texto vou refletir sobre essas questões para compreender como a pesquisa de abordagem histórico-cultural, se constitui como um espaço educativo no qual se desenvolvem diferentes processos de comunicação.

Para responder à primeira pergunta formulada, trago o significado dicionarizado da palavra *intervenção*.

Na Constituição Federal Brasileira de 1988, *intervenção* é apresentada como “excepcional supressão temporária da autonomia assegurada aos Estados, Distrito Federal e Municípios pela Constituição Federal em virtude de estado de anormalidade ou exceção constitucionalmente definidas, que devem ser interpretadas de maneira restritiva”. Existem duas espécies de Intervenção, que sempre ocorrem em uma entidade por outra que lhe é sobreposta no quadro federativo, ou seja, a União intervém nos Estados, Distrito Federal e Municípios localizados em território Federal (Arts. 34 e 35 da CF/88) e os Estados intervêm em seus municípios (Art. 35) (1999).

No Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (versão digital 5.0) *intervenção* é definida como: “ato de intervir; interferência.” No aspecto jurídico se constitui em “ato de um Estado intervir nos negócios internos de outro(s)”. No que se refere às leis brasileiras, a *intervenção* é vista nos regimes federativos como “ato do poder central destinado a impor medidas necessárias a manter a integridade da União, quando alguns de seus membros está submetido a anormalidade grave e que prejudique o funcionamento da Federação. Significa ainda “interferência do poder central em qualquer unidade da federação, que se manifesta na substituição de seu governador, prefeito, etc, ou na cassação de representante do poder legislativo estadual, municipal, etc.”

O Dicionário Aurélio traz ainda o verbete *intervenção de terceiros*: “a daquele que, embora não seja parte, tem legítimo interesse em intervir no processo, ou é obrigado a isto por lei e chamamento de um dos litigantes”.

O Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis (versão *online*) apresenta cinco significados para a palavra *intervenção*: “Ato ou efeito de intervir. 2 *Med* Operação. 3 Intercessão, mediação. 4 Ação direta do governo federal em um Estado da Federação. 5 Ação do governo ou de uma entidade oficial em uma associação”.

O que foi encontrado nesta rápida consulta em dicionários mostra de forma predominante como essa palavra está contaminada por valores de uma determinada época. Talvez, o possível a fazer seja seguir a sugestão de Wittgenstein: “algumas vezes uma expressão tem de ser retirada da linguagem e submetida a um processo de limpeza: só então ela pode ser recolocada em circulação” (2008, p.29)².

² Tradução livre feita pela autora

Compreendo que a insatisfação gerada no grupo de pesquisa LIC foi ocasionada pela contradição observada entre os significados desta palavra e o caráter dialógico da perspectiva histórico-cultural. Como essa ação de intervir de forma autoritária, unilateral, monológica, poderia estar ao lado de conceitos que falam de construções coletivas, autorias, alteridade e diálogo? Isso motivou o desejo do grupo de tirar a palavra *intervenção* de circulação e enfrentar a tarefa de procurar outra palavra que possa melhor expressar o conceito de *pesquisa-intervenção* para a perspectiva histórico-cultural.

EM QUE CONSISTE A INTERVENÇÃO NA PESQUISA HISTÓRICO-CULTURAL?

Vygotsky com uma clara filiação ao materialismo histórico dialético, empreendeu uma discussão dos modelos psicológicos subjetivistas e objetivistas de seu tempo chegando à construção de uma psicologia de base social. Para essa construção de uma abordagem fundamentalmente nova compreendeu que outros métodos de investigação e análise seriam necessários.

Assim em seu texto, “Problemas de método”, Vygotsky (1991) apresenta interessantes elementos para responder essa questão. Ao afirmar que o comportamento humano difere qualitativamente do comportamento animal defende a idéia de que “o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie” (p.69) e, portanto, seria necessário encontrar para a pesquisa nas ciências humanas uma metodologia diferente da abordagem naturalística, muito focada no biológico, buscando uma abordagem dialética para a compreensão da história humana. Apoiando-se em Engels, critica o naturalismo considerando que este parte da redução injustificável das relações causais homem/natureza *a uma só direção* - a da influência da natureza, estímulo, meio, no homem - sendo incapaz de explicar a *volta dialética* - a ação do homem sobre a natureza, meio, etc. Dessa forma, o naturalismo supõe que a natureza afeta os seres humanos e que apenas as condições naturais são os determinantes do seu desenvolvimento. Superando essa limitação, Vygotsky mostra que a abordagem dialética embora admitindo a influência da natureza sobre o homem considera que “o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência” (VYGOTSKY, 1991, p.70). Ao transformar a natureza o homem também se transforma. Esta posição constituiu-se no elemento chave para os estudos desse autor tanto em relação às funções mentais superiores do homem quanto para estabelecer os fundamentos de novos métodos de pesquisa nas ciências humanas.

Para Vygotsky (*op. cit.*, p.74),

a procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo.

Pela importância que deu ao método, Vygotsky é considerado além de um estudioso das questões psicológicas e da linguagem, um metodólogo. Para ele a tarefa da pesquisa é estudar o fenômeno em seu processo vivo e não como um objeto estático, portanto em sua historicidade. “Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: este é o requisito básico do método dialético” (*idem*, p.74).

Para tal é necessário ir à gênese da questão, procurando reconstruir a história de sua origem e de seu desenvolvimento. Enfrenta assim a discussão entre os conceitos de descrição e explicação. Insiste que a descrição revela o aspecto exterior de um fenômeno, o seu fenótipo, mas que não explica as suas relações dinâmico-causais, o seu genótipo. Assim, a descrição deve ser completada pela explicação indo da aparência para a compreensão de seu aspecto interior. É necessário não deter-se apenas na concretude do fenômeno, nos limites da descrição, mas avançar para a explicação buscando causas, relações, mudanças.

Analisando essas metas, que Vygotsky propôs para a pesquisa, percebo como elas se direcionam para uma idéia de *intervenção*, mas em nenhum momento a palavra em si é expressa literalmente em seus textos. Ele supõe que a ação humana interfere no objeto de estudo, em seu contexto e em seus participantes neles provocando alterações, transformações.

Em seus próprios experimentos e nos de seus colaboradores, é possível perceber a mediação do pesquisador provocando alterações nos pesquisados que possibilitam a compreensão de seu desenvolvimento. Seus estudos sobre o desenvolvimento dos conceitos na criança revelam como a palavra mediadora do adulto influi no próprio processo desta formação de conceitos (FREITAS, 2002).

Também Oliveira (1999) chama a atenção sobre os diálogos de Luria com seus sujeitos nas pesquisas efetuadas, em colaboração com Vygotsky, na Ásia Central e nos seus experimentos sobre a construção da escrita em crianças, percebendo o pesquisador desafiando o sujeito, questionando suas respostas, o que possibilita entrever como este é afetado pela interferência de uma outra pessoa e também observar os processos psicológicos em sua dinâmica de transformação. Isso mostra como o pesquisador faz parte da situação de pesquisa e como sua ação propicia efeitos sobre os sujeitos participantes.

Assim, na perspectiva vygotskiana, a pesquisa visa compreender os eventos investigados descrevendo-os, mas procura também suas possíveis relações, integrando o individual com o social, focalizando o acontecimento nas suas mais essenciais e prováveis relações (FREITAS, 2002). O movimento externo de descrição é aprofundado por um movimento que penetrando o interno completa o processo de compreensão do fenômeno estudado.

Bakhtin, um filósofo da linguagem, em toda sua obra, que tem o dialogismo como tema central, também traz para a pesquisa em Ciências Humanas importantes implicações, mas é, em um de seus últimos textos, Metodologia das Ciências Humanas, que de uma forma especial, o autor aborda essa questão. Considerando que “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2003, p.395), o autor as caracteriza como ciências do texto. Isto é, o homem sempre se expressa através do texto virtual ou real e requer uma resposta, uma compreensão. Se não há texto não há objeto para investigação e pensamento. As ciências humanas, portanto, diferem das ciências exatas em que o pesquisador contempla o objeto e fala sobre ele mas não com ele.

Nas ciências exatas, o pesquisador encontra-se diante de um objeto mudo que precisa ser contemplado para ser conhecido. O pesquisador estuda esse objeto e fala sobre ou dele[...] Já nas ciências humanas seu objeto de estudo é o homem.[...]Diante dele o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois encontra-se perante um sujeito que tem voz, e não pode contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer um diálogo com ele. Inverte-se dessa maneira, toda a situação, que

passa de uma interação sujeito-objeto para uma relação entre sujeitos (FREITAS, 2002, p.24).

O homem não é um objeto, nem algo sem voz: é outro sujeito, outro eu que interage dialogicamente com seus interlocutores. Dessa maneira pesquisador e pesquisado se constituem como dois sujeitos em interação que participam ativamente do acontecimento da pesquisa. Esta se converte em um espaço dialógico, no qual todos têm voz, e assumem uma posição responsiva ativa. “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003, p.271). O enunciado é elaborado como que para ir ao encontro da resposta do ouvinte. O que constitui um enunciado é o fato de dirigir-se a alguém e de voltar-se para o seu destinatário. Compreender, pois, ativamente o enunciado de outrem significa orientar-se para o outro (FREITAS, 2003). O processo compreensivo entre sujeitos parte inicialmente de um movimento de identificação com o outro, situando-se em seu lugar mas que se completa com um movimento exotópico. Isto é, ao tomar distância, se coloca fora do outro, o que confere ao pesquisador um excedente de visão que lhe permite dar forma e acabamento ao que ouviu, completando-o. Esse processo compreensivo bakhtiniano supõe duas consciências, dois sujeitos que se interpenetram e se alteram mutuamente. O pesquisador tem possibilidades de aprender, se transformar e se ressignificar durante o processo de pesquisa. O mesmo acontece com o pesquisado, que não sendo coisa mas sujeito, tem também oportunidade de refletir, aprender e se transformar no transcorrer da pesquisa. Pesquisador e sujeito pesquisados, como diz Amorim (2006), ao participarem do evento de pesquisa se tornam produtores de textos. O texto do pesquisador não deve emudecer o do pesquisado mas lhe restituir as condições de enunciação e de circulação que lhe conferem múltiplas possibilidades de sentido. No entanto, continua a autora,

o texto do pesquisado não pode fazer desaparecer o texto do pesquisador, como se este se eximisse de qualquer afirmação, que se distinga do que diz o pesquisado. O fundamental é que a pesquisa não realize nenhum tipo de fusão dos dois pontos de vista, mas que mantenha o caráter de diálogo, revelando sempre as diferenças e a tensão entre elas (p.98-99).

Relendo Bakhtin vejo que em seus textos a palavra *intervenção*, como em Vygotsky, também não está presente explicitamente, mas toda a orientação que confere à pesquisa é que ela possibilite uma compreensão ativa geradora de uma resposta: um encontro dialógico e transformador entre dois sujeitos. Bakhtin também se refere aos termos descrever e explicar, tomados da hermenêutica de Dilthey, criticando a explicação quando ela se apresenta monológica, isto é, quando é imposta por um único sujeito ativo: aquele que explica. Na arquitetônica dialógica de Bakhtin, o homem não pode ser apenas explicado mas sim compreendido. Compreensão que é ativa e acontece no encontro dialógico entre dois sujeitos que intercambiam enunciados, buscam respostas, resistem, argumentam.

São portanto diferentes os sentidos construídos por Vygotsky e Bakhtin em relação aos termos *descrever* e *explicar*. À primeira vista parece que ambos estão se opondo: Vygotsky enfatiza que descrição precisa ser completada pela explicação e Bakhtin insiste que o homem não pode ser objeto de explicação mas sim de compreensão. Entretanto, ao penetrar mais fundo em seus enunciados, vejo que

Vygotsky ao se referir ao ato de explicar que vai à gênese das questões e busca a compreensão das relações entre os elementos que as constituem pode estar se aproximando do que Bakhtin chama de descrever, que para ele, se constitui em um movimento compreensivo. O elemento comum entre ambos pode, portanto, ser a preocupação com a compreensão em profundidade, aquela que atua a partir do diálogo com o outro levando a um movimento transformador.

Apresentei de forma bem sintética como estes dois autores da perspectiva histórico-cultural concebem a pesquisa nas ciências humanas. A partir desses elementos percebo como sua abordagem dialética permite compreender a pesquisa nas ciências humanas como uma relação entre sujeitos possibilitada pela linguagem, relação essa provocadora de mútuas transformações em seus integrantes. A situação de pesquisa torna-se dessa forma uma produção de linguagem e uma esfera social de circulação de discursos, portanto, se apresenta como um espaço educativo de comunicação e constituição de sujeitos. Se pensarmos essa pesquisa no ambiente escolar, no trabalho com alunos e professores é possível ainda considerá-la como um espaço de formação.

QUAIS OS SENTIDOS QUE CONSTRUÍMOS NO GRUPO LIC PARA A INTERVENÇÃO?

Para responder essa pergunta vou antes me reportar a Vygotsky e Bakhtin apresentando como estes aproximam em sua forma de compreender os *significados* e os *sentidos* das palavras.

Para Vygotsky (2001) o *sentido* de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o *sentido* é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O *significado* é apenas uma dessas zonas do *sentido* que a palavra adquire no contexto de algum discurso: uma zona mais estável, uniforme e exata.

O sentido real de uma palavra é inconstante, pois, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido.[...] Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido (p.463).

Em toda a obra de Bakhtin *sentido* é uma categoria central que é interpretada sob uma ótica filosófica e dialética. Ao *significado* ele dá pouca importância, considerando-o algo, que por seu aspecto estático, pertence mais ao âmbito da lingüística. Por *significação*, ele entende os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. Naturalmente, esses elementos são abstratos: fundados sobre uma convenção, eles não têm existência concreta independente, o que não os impede de formar uma parte inalienável, indispensável da enunciação. Eles são apenas o aparato técnico para a realização dos *sentidos*. (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 1988)

Para o autor *sentido* se refere às respostas às perguntas. Aquilo que nada responde se afigura sem sentido, afastado do diálogo. O *significado* está excluído do diálogo, mas abstraído dele de modo deliberado e convencional. Nele existe uma potência de *sentido* (BAKHTIN, 2003, p.382):

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. [...] Não pode haver um

sentido único(um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer.

Depois desta rápida apresentação passo a discutir os *significados* e *sentidos* de *intervenção* para o grupo LIC.

Os significados de *intervenção* estão postos nas definições congeladas dos dicionários que elencamos no início deste texto. Estão presos a uma realidade, uma época, são reiteráveis, estáticos. *Intervenção* significa pois uma ação de intervir, que passa a ser rejeitada pelo grupo por sua tendência monologizante e não coerente com a perspectiva dialógica da abordagem histórico-cultural.

O que os participantes do grupo LIC têm discutido se refere aos *sentidos* construídos pelo grupo ao longo de sua trajetória, concebendo a *intervenção* no interior da perspectiva histórico-cultural como “mudança no processo” “transformação” “re-significação dos pesquisados e do pesquisador” “ação mediada”, “compreensão ativa”.

Realmente em nossas contínuas discussões e reflexões temos chegado à conclusão de que não se trata de intervir para obter resultados mensuráveis. A pesquisa nesta abordagem está centrada no processo, na relação entre sujeitos, relação dialógica que portanto provoca compreensão ativa de seus participantes. Compreensão ativa que para Bakhtin é geradora de respostas, de contra-palavras. Na relação entre sujeitos, que caracteriza esse tipo de pesquisa, a compreensão ativa mostra o objetivo que se busca perseguir.

COMO ESSA INTERVENÇÃO SE APRESENTA NAS PESQUISAS REALIZADAS?

Em nossas pesquisas está sempre implícita essa compreensão ativa, mas não há explicitamente uma intervenção planejada. Ao procurarmos atingir os objetivos propostos, responder as questões formuladas, estamos conscientes do processo dialógico entre sujeitos que irá acontecer. Processo esse, que afetará de alguma forma seus participantes, que provocará mudanças, transformações nas pessoas podendo também interferir de alguma forma no contexto pesquisado. Estamos em nossas pesquisas muito mais interessados nesse processo e no que ele desencadeia do que em buscar resultados mensuráveis.

Temos desenvolvido durante os últimos quatorze anos pesquisas que têm focalizado práticas de leitura e escrita de professores e alunos, letramento digital de adolescentes, formação de professores para o uso das TICs, especialmente do computador e da internet.³ Em cada pesquisa estão inseridos trabalhos de dissertações e teses de nossos alunos do Programa de pós Graduação em Educação da UFJF(PPGE-

³ Trata-se das seguintes pesquisas todas financiadas pelo CNPq e FAPEMIG: Cultura, Modernidade e Linguagem: leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação (1995-1997), Práticas sócio-culturais de leitura e escrita de crianças e adolescentes (1997-1999), A construção/produção da escrita na Internet e na escola: uma abordagem sócio-histórico-cultural (1999-2001), A construção/produção da leitura/escrita na Internet e na escola: uma abordagem sócio-histórico-cultural (continuidade e desdobramentos) (2001-2003), Letramento Digital e Aprendizagem na era da Internet: um desafio para a formação de professores (2003-2007), Computador/internet como instrumentos culturais de aprendizagem na formação de professores em diferentes contextos educacionais de uma universidade federal (2007-2010).

UFJF). Nessas pesquisas trabalhamos com professores em sua formação inicial ou continuada e com alunos de ensino fundamental e médio. Orientados pela perspectiva histórico-cultural utilizamos como desencadeadores de discurso instrumentos metodológicos como entrevistas dialógicas individuais e coletivas, observações, grupos focais reflexivos, sessões reflexivas. Todos estes instrumentos supõem a interação dialógica entre pesquisadores e pesquisados. Nas análises dos processos de pesquisa sempre são encontrados indicadores de transformações ou mudanças operadas no decorrer do trabalho. Trago aqui a título de exemplo algumas informações colhidas em textos de análise produzidos a partir das pesquisas realizadas.

Da primeira pesquisa: “Cultura, modernidade e linguagem: leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação” (1995-1997) colhi alguns extratos que considerei ilustrativos:

Através das análises das entrevistas sentimos que a interação, o diálogo e a troca de experiências impulsionavam-nos na construção e apropriação de novos conhecimentos. A cada nova entrevista dissecada coletivamente refletíamos sobre a difícil arte de ouvir, de entrevistar, de dialogar. Aprendíamos com as experiências dos primeiros entrevistadores e com a interferência de autores estudados [...] que através de seus escritos instigavam-nos a novos debates, recuperando nossa capacidade de ouvir e narrar, rememorar e nessa rememoração encontrar o outro, os outros, encontrar-se. (GUEDES e VALENTE, 1998, p.45-46).

Nesta pesquisa, estamos também exercendo uma forma de transgressão: não investigamos conteúdos e técnicas que possam contribuir para um ensino efetivo, mas puxamos o fio da memória das professoras para deixar emergir a sua pessoa e nela encontrar as possibilidades para uma transformação (FREITAS, 1998, p.153).

O que observo nos dados construídos desta pesquisa é como no decorrer das entrevistas pesquisadores e pesquisados se reviam como pessoas, como leitores. As professoras pesquisadas ao narrarem suas histórias de leitura e escrita foram se surpreendendo com fatos de encontrarem em momentos passados de suas vidas práticas leitoras e escritoras muito presentes e de como isso havia se perdido. Diante dessa surpresa buscavam recuperar o tempo perdido, reencontrando novamente o caminho da leitura e escrita. No confronto com as professoras pesquisadas os entrevistadores também se reviam enquanto leitores e escritores.

Na segunda pesquisa “Práticas sócio-culturais leitura e escrita de crianças e adolescentes” (1997-1999) realizamos entrevistas coletivas com grupos de alunos de ensino fundamental e médio, buscando compreender suas experiências de leitura e escrita. Recorto aqui a fala de duas pesquisadoras:

Dar voz às crianças e adolescentes com os quais estivemos trabalhando, buscando apreender sua experiência com a leitura e escrita o papel que estes instrumentos culturais exercem em suas vidas, foi uma experiência instigante, desafiadora, que fez com que nós, enquanto pesquisadores, ressignificássemos nossa própria experiência enquanto leitores e escritores (MICARELLO e FREITAS, 2002, p.107).

Nos projetos de pesquisa seguintes, nos quais trabalhamos com o letramento digital de adolescentes e a formação de professores diante das tecnologias digitais, temos percebido este mesmo movimento de ressignificação e transformação por parte dos participantes. Essas mudanças se mostram às vezes concretamente em alterações no próprio espaço educativo estudado. Pesquisas realizadas em escolas sobre o uso do computador e internet têm confrontado os professores com a importância do uso das tecnologias digitais nas salas de aula presenciais e um início dessa inserção do computador e internet nas escolas pesquisadas tem sido observada. Há uma mobilização para o tema que tem levado vários dos sujeitos pesquisados a se interessarem em estudar mais e ingressarem até em cursos de mestrado para se envolverem com a pesquisa nessa área das tecnologias digitais na formação de professores. Considero isso como uma sinalização de processos de transformação em ação. Também os processos reflexivos instaurados no interior das pesquisas têm levado professores a refletirem criticamente sobre sua prática iniciando nela movimentos de mudanças.

Na atual pesquisa em desenvolvimento no grupo LIC, que está em sua fase final, estamos nos debruçando com situações que indicam reflexos do trabalho realizado nas práticas de professores e alunos do Curso de Pedagogia da UFJF. É ainda o início de um processo de transformação: plantamos uma semente que está germinando mas que aos poucos poderá florescer. O trabalho empreendido com alguns alunos e grupos de professores do Colégio de Aplicação da UFJF também tem mostrado um movimento de abertura, desinstalação diante do novo que as tecnologias digitais oferecem aos processos pedagógicos. Estes professores estão começando a descobrir computador e internet como instrumentos de aprendizagem. Estão presentes no próprio projeto dessa pesquisa (FREITAS, 2006) indicadores de como conduzirmos esse trabalho de pesquisa utilizando um processo metodológico que traz em si um potencial desencadeador de transformações pessoais e contextuais:

Pretendemos trabalhar com professores em sua formação inicial e ou continuada visando instaurar um processo reflexivo que possibilite a compreensão das possibilidades dessas tecnologias enquanto instrumentos de aprendizagem.

O trabalho investigativo será desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural, que se caracteriza por uma compreensão ativa da realidade investigada e também por um movimento visando processos de mudança que podem incidir tanto nos sujeitos participantes quanto nos próprios pesquisadores. Em trabalhos com formação de professores essa abordagem de pesquisa se mostra muito produtiva por se constituir em um espaço de formação.

A observação na abordagem histórico-cultural não se limita à análise interpretativa dos eventos observados, mas assume um caráter mais dialético buscando uma mediação entre o individual e o social. O que se busca nessa observação é a compreensão construída nos encontros dos diferentes enunciados produzidos entre pesquisador e pesquisado.

A entrevista acontece entre duas ou mais pessoas: entrevistador e entrevistado(s) numa situação de interação verbal e tem como objetivo a

mútua compreensão. Não uma compreensão passiva baseada no reconhecimento de um sinal, mas uma compreensão ativa.

*Justifica-se chamar essa entrevista, de dialógica, pois, ela estabelece uma relação de sentido entre os enunciados na comunicação verbal. A entrevista se constitui como uma relação entre sujeitos, na qual se pesquisa **com** os sujeitos as suas experiências sociais e culturais, compartilhadas com as outras pessoas de seu ambiente.*

Vamos usar os grupos focais ampliando suas possibilidades, trabalhando com um movimento reflexivo. Essa organização pretende que os grupos focais se constituam em espaços de reflexão nos quais os participantes tenham oportunidade para se situarem diante de suas experiências escolares a partir dos focos que se apresentarem em cada encontro.

Penso que as considerações feitas e os recortes apresentados falam de nossas realizações e intenções e exprimem os *sentidos* construídos para a palavra *intervenção* no interior de nossas pesquisas.

De fato percebo que é difícil, como diz Nietzsche, quebrar essa palavra e aceito a idéia de Wittgenstein de que devemos deixá-la de quarentena para só voltar à circulação depois de depurada. Procurando uma nova palavra que se relacione com os pressupostos da perspectiva histórico-cultural, é possível que *pesquisa dialógica* represente os movimentos de compreensão ativa, mediação, ressignificação e transformação que são construídos no espaço educativo da pesquisa. Essa é uma possibilidade que deverá ser discutida durante este semestre com todo o grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In BRAIT, B. *Bakhtin - outros conceitos chave*. S. Paulo: Contexto, 2006, p.95-114.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. S. Paulo: Martins Fontes, 2003, p.393-410.

BAKHTIN, M.(Volochinov) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. S.Paulo, HUCITEC, 1988.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 05 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional n.o.20, de 15-12-1988. 21.ed. S. Paulo: Saraiva, 1999.

FREITAS, M. T. A. Memórias de professoras: recolhendo as pautas perdidas. In FREITAS, M. T. A. (org.) *Narrativas de professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica*. Rio de Janeiro: Ravil, 1988,p.141-153.

_____ A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.116, p.20-39, jul.2002a.

_____ Leitores e escritores de um novo tempo. In: FREITAS M.T. A. e COSTA, S. (Orgs.) *Leitura e escrita na formação de professores*. S. Paulo/Juiz de Fora: Musa Editora/EDUFJF: 2002b, p.97-105.

_____ A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In FREITAS, M.T. A; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S.(Orgs.) *Ciências Humanas e pesquisa. Leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003, p.57-76.

_____ Computador/internet como instrumentos culturais de aprendizagem na formação de professores em diferentes contextos educacionais de uma universidade federal (2007-2010). Projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq e FAPEMIG. 2006.

_____ A pesquisa em educação: Questões e desafios. *Vertentes*, São João del Rei, n.29, p.28-37, jan/jun 2007.

GUEDES, A. P.; VALENTE, R. M. M. Narrando a história de um processo coletivo de construção do conhecimento In FREITAS, M. T. A. (org.) *Narrativas de professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio-histórica*. Rio de Janeiro: Ravil, 1988, p 37-48.

INTERVENÇÃO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque do Hollanda. *Novo dicionário Eletrônico Aurélio. Versão 5.0* Rio de janeiro: Editora Positivo. CD-Rom.

INTERVENÇÃO. In: Moderno DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em <http://michaellis.uol.com.br>. Acesso em: 10 jun.2009.

MICARELLO, H. A. L. S; FREITAS, L. R. Os sentidos produzidos por crianças e adolescentes pra suas experiências com Leitura e escrita na escola. In FREITAS M.T. A. e Costa, S. (Orgs.) *Leitura e escrita na formação de professores*. S. Paulo/Juiz de Fora: Musa Editora/EDUFJF: 2002b, p107- 140.

OLIVEIRA. M. K Três questões sobre desenvolvimento conceitual. In OLIVEIRA, M. B; OLIVEIRA, M. K *Investigações cognitivas*. Porto Alegre: Arte Médicas, 1999. p.55-64.

VYGOTSKY, L S. O problema de método. In VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. S. Paulo: Martins Fontes, 1991, p.67-88.

_____ *A construção do pensamento e da linguagem*. S. Paulo: Martins Fontes, 2001.

WITTGENSTEIN, L. *Culture and value*. Oxford:1980.

ABSTRACT

In this text it is discussed how the research in human sciences from the historical-cultural perspective can constitute itself as an educational space in which different communication processes are developed. For that Vygotsky and Bakhtin

theoretical thought to human sciences are focused bringing their contributions in relation to the specialties of the research to human sciences. Dialoguing with the senses constituted by these authors in relation to description and explanation concepts, it is projected a discussion on research-intervention in the interior of the historical-cultural perspective. This discussion is based on investigative experiences of a research group in education field that has the historical-cultural perspective as theoretical-methodological referential.

Keywords: *Research on human sciences, historical cultural approach, research-intervention*